



La Universidad Federal de Goiás y la
Asociación Iberoamericana de Filosofía Política
convocan el

**XIX SIMPOSIO DE LA ASOCIACIÓN IBEROAMERICANA DE
FILOSOFÍA POLÍTICA (AIFP)
Crisis de las democracias, crisis ecológica y nuevos autoritarismos**

Sede: Universidade Federal de Goiás (UFG)

Lugar: Pirenópolis, Goiás, Brasil

Fecha: Del 28 al 30 de octubre de 2026

Instituciones colaboradoras

Universidade de Brasília (UnB)

Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos)

Comité científico

Adriano Correia (UFG), Adriana Delbó (UFG), Alejandro Sahuí (UACAM/México), Álvaro Aragón Rivera (UACM-México), Ana Carolina Turquino Turatto (UniCesumar), Carlos Patiño (UNAL, Colombia), Castor Mari Martín Bartolomé Ruiz (Unisinos), Cícero Araújo (USP), Concepción Delgado Parra (UACM, México), Fernando Longás (UVa, España), Francisco Colom (CSIC, España), Guillermo Vega (UNNE), Helena Esser dos Reis (UFG), Isabel Wences (UCM, Espanha), Jesús Rodríguez (UAM-I, México), Marcela Uchôa (Univ. Coimbra, Portugal), Márcia Rosane Junges (Unisinos), Maria Cecília Pedreira de Almeida (UnB), Maria Cristina Müller (UEL), Nicole Darat (UAI, Chile), Renato Moscateli (UFG), Roberta Damasceno (UFPE), Rubem Barboza Filho (UFJF), William Costa (UECE).

Comité ejecutivo

Adriano Correia (UFG), Alejandro Sahuí (UACAM/México), Castor Mari Martín Bartolomé Ruiz (Unisinos) e Maria Cecília Pedreira de Almeida (UnB).

Apoyo institucional

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG)

Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Red Iberoamericana de Filosofía (RIF)

Idiomas del simposio

Español e português

Calendario

- Inicio del plazo de inscripción y recepción de resúmenes: a partir del 31 de marzo de 2026
- Cierre de la recepción de resúmenes: 15 de junio de 2026 (1ª convocatoria)
30 de junio de 2026 (2ª convocatoria)
- Notificación de las propuestas aceptadas: 13 de julio de 2026
- Publicación del programa preliminar: 10 de agosto de 2026
- Publicación del programa definitivo: 31 de agosto de 2026

Normas para la presentación de propuestas

- La propuesta debe incluir un título y un resumen de entre 300 y 500 palabras;
- El resumen debe estar escrito en fuente *Times New Roman*, tamaño 12, con interlineado de 1,5;
- Bajo el título debe figurar el nombre del investigador o investigadora, el nivel de formación, la institución de pertenencia y la indicación de la mesa temática a la que se presenta la propuesta;
- Las comunicaciones contarán con 30 minutos en el programa, de los cuales 20 minutos serán para la presentación y 10 minutos para el debate.

Estructura organizativa

- Conferencias
- Presentación de ponencias en los diez ejes temáticos, en sesiones paralelas con cuatro ponentes por mesa
- Presentación de libros

Datos de contacto

Dirección de correo electrónico del evento: simposioaifpbrasil@gmail.com

Página del evento y para el envío de trabajos: <https://www.even3.com.br/xix-simposio-internacional-da-associacao-iberoamericana-de-filosofia-politica-aifp-crise-das-democracias-crise-ecologica-e-novos-autoritarismos-707634>

Página web de la Asociación Iberoamericana de Filosofía Política: <https://www.asociacionifp.org/>

MESAS TEMÁTICAS

Mesa 1 - Retorno del neofascismo y crisis de la democracia liberal

Coordinación: Concepción Delgado Parra (UACM, México) y Álvaro Aragón Rivera (UACM-México)

El panorama político mundial evidencia el surgimiento de un nuevo fascismo construido sobre una estructura que amenaza los pilares fundamentales de la democracia liberal: el pluralismo, el estado de derecho y la separación de poderes. Se trata de un fascismo neoliberal, extremo en su ideología, en el que se fusiona un ultracapitalismo desregulado con una política de odio identitario y represión de la diferencia. Una estrategia dirigida a generar un Estado gestionado como una empresa organizada por un CEO soberano, donde la ciudadanía queda reducida a una relación contractual de cliente-proveedor, cuyo objetivo es eliminar cualquier límite al capital (soberanía de los estados, derechos, etcétera), utilizando el nacionalismo y apelando a un “chivo expiatorio” para eliminar todo aquello que constituya un freno para el capitalismo socio-tecno-digital.

A diferencia del fascismo clásico, quienes hoy impulsan esta ideología operan bajo una fachada democrática utilizando la violencia discursiva para atacar sistemáticamente los principios de la democracia liberal, normalizando la erosión de las normas y situando a la democracia como un

obstáculo para conseguir la eficacia y el orden. Se presentan como los auténticos defensores de la “democracia popular”, de la “voluntad mayoritaria”, declarando que existe una estructura tripartita conformada por una élite corrupta y una clase baja parasitaria a las que acusan de robar lo que pertenece a quienes están atrapados en el medio: “el pueblo bueno”, representado por los ultraderechistas.

Ante este desafío, el eje temático que aquí se presenta propone debatir en torno a las siguientes preguntas: ¿Qué tipo de argumentos se debaten en la afirmación de que el neofascismo constituye un síntoma de los límites del liberalismo o una patología de la democracia? ¿Cuáles son las instituciones que hoy resultan fundamentales para proteger a la democracia de su erosión interna? ¿Mediante qué procedimientos los nuevos fascismos se apropian de la concepción de libertad, igualdad y comunidad transgrediendo sus fundamentos normativos? ¿Qué horizonte se vislumbra para enfrentar la crisis que vive la democracia liberal? ¿Cuál es el papel de la ciudadanía en este contexto?

Mesa 2 - A fragilidade da política face às novas formas de imperialismo: o colapso das democracias e a devastação do mundo comum

Coordinación: Maria Cecília Pedreira de Almeida (Universidade de Brasília – UnB-Brasil), Maria Cristina Müller (Universidade Estadual de Londrina – UEL-Brasil) y Ana Carolina Turquino Turatto (UniCesumar - Londrina-Brasil)

A mesa propõe um espaço crítico para investigar as crises contemporâneas que ameaçam os fundamentos da vida política e do espaço público compartilhado. Interessa-nos refletir sobre como dinâmicas renovadas de imperialismo — não mais apenas territorial, mas também econômico, tecnológico e cultural — corroem as instituições democráticas, aceleram processos autoritários e dissolvem os laços que sustentam o “mundo comum”, nos termos arendtianos. Nesse contexto, renova-se a interrogação pelo sentido da política em tempos de desagregação institucional, polarização extrema e esvaziamento da esfera pública, em que a ação coletiva e o debate racional cedem terreno a formas de dominação sutis ou abertamente coercitivas.

Esperam-se contribuições que, dialogando com pensadores como Hannah Arendt, Giorgio Agamben, Michel Foucault, Walter Benjamin e Carl Schmitt, entre outros, explorem as relações entre autoritarismo, extremismos emergentes e a reconfiguração do poder no século XXI. A abordagem pode integrar a dimensão econômica, uma vez que as desigualdades estruturais, o capitalismo financeirizado e as novas lógicas de exploração global intensificam a vulnerabilidade das democracias. Serão igualmente bem-vindas pesquisas que abordem as várias leituras sobre os estados de exceção e a biopolítica (Agamben, Foucault), a banalidade do mal e a perda do espaço público (Arendt), ou a distinção amigo-inimigo e a soberania em contextos de crise (Schmitt), sempre em conexão com as atuais manifestações de imperialismo e o esfacelamento do comum.

A intenção é que, além do diagnóstico crítico, o debate esboce caminhos de resistência, reelaboração do político ou reconstrução de um mundo comum frente a essas forças devastadoras. A mesa acolherá também investigações que, a partir de outros referenciais teóricos, dialoguem produtivamente com o tema, desde que articulem de modo consistente as relações entre poder, economia, democracia e os novos rostos do imperialismo. O objetivo é fomentar um debate plural e rigoroso, capaz de iluminar os desafios do presente e recolocar a pergunta sobre o que é, afinal, a política, sobretudo em tempos de fragilidade extrema.

Mesa 3 - Reflexões republicanas sobre a ideia de crise democrática

Coordinación: Renato Moscateli (Universidade Federal de Goiás – UFG-Brasil) y Helena Esser dos Reis (Universidade Federal de Goiás – UFG-Brasil)

A tradição republicana de pensamento político possui raízes que se estendem até a Roma Antiga, tendo sido posteriormente renovada na Renascença pelos humanistas cívicos italianos e, com ainda maior destaque, nas obras de Nicolau Maquiavel. Desde então, já encontrou diversas outras reformulações e ressonâncias, tanto no interior da Filosofia Política quanto na organização dos regimes republicanos surgidos nos últimos quinhentos anos. Embora se trate, em ambos os casos, de fenômenos complexos, dois elementos que certamente possuem centralidade neles são, por um lado, a discussão acerca da limitação do(s) poder(es) e da representação política e, por outro, o significado da igualdade e da liberdade do cidadão, as quais se colocam como o alicerce de uma forma de vida política que dignifica a participação cívica nos assuntos públicos como caminho para evitar a dominação sobre os indivíduos ou a coletividade, assim como para estimular a preocupação conjunta dos membros da sociedade com aquilo que constitui seu bem comum.

A tradição democrática, por sua vez, também tem origens que remontam à Antiguidade, na polis ateniense que se tornou modelo para outras cidades da época. Todavia, ela ganhou uma relevância inédita especialmente a partir das últimas décadas do século XVIII, quando os acontecimentos das Revoluções Americana e Francesa trouxeram um interesse renovado pela democracia como alternativa política aos regimes monárquicos por elas combatidos. Partindo do pressuposto de uma igualdade natural entre as pessoas, a democracia começa a ser entendida a partir de dois elementos: a igualdade e a liberdade. Sem dúvidas, isso colocou desafios importantes aos envolvidos nos processos de construção e compreensão das democracias modernas para povos muito maiores e de composição mais variada em comparação com a polis de outrora. Se o tema da liberdade se mostra caro aos defensores da democracia, o da igualdade talvez tenha sido foco de suas atenções com ainda maior evidência, sendo tomado como uma baliza para a luta por direitos que não se restrinjam ao âmbito da participação política, mas avança para o enfrentamento das injustiças sociais, da exploração econômica, da discriminação de raça ou de gênero, entre outros problemas. Ainda no contexto moderno, a democracia inspira certo temor aos intelectuais e políticos da época, seja em vista da força excessiva do povo (tirania da maioria), como em vista de uma possível tutela das massas por uma elite esclarecida (Governo tutelar), resultando nos muitos esforços interpretativos que têm na obra de Alexis de Tocqueville uma fonte de enorme valia, e remete a uma série de possibilidades de entendimento do fenômeno democrático contemporâneo.

Com o objetivo de conjugar as ricas heranças intelectuais dessas duas tradições políticas, a proposta da mesa é incentivar reflexões republicanas que enfoquem a ideia de crise democrática tão proclamada no cenário atual, no sentido de problematizá-la em suas múltiplas dimensões: em que bases esse diagnóstico se sustenta? Quais riscos tal crise traz para a liberdade e a igualdade na participação política de cidadãos e cidadãs, no exercício do pensamento e da expressão, na preservação de condições dignas de existência, no combate aos preconceitos em relação às diferenças e à pluralidade das formas de vida, na luta contra os esforços de privatização do que deveria ser de interesse público? A crise democrática é apenas uma conjuntura deletéria ou, de certa maneira, algo inerente a um modo de convivência política que, como salienta Claude Lefort, deve ser marcado pelas incertezas da indeterminação, da abertura de significados em disputa, enfim, um lugar vazio do poder que jamais pode ser preenchido em definitivo?

Mesa 4 - Nuevos modos de (re)producción y ocultamiento de las desigualdades en el ocaso de las democracias contemporáneas

Coordinación: Fernando Longás (U. de Valladolid, España) y Nicole Darat (U. Adolfo Ibáñez, Chile)

La desigualdad ha sido considerada, desde las primeras reflexiones que surgieron en el campo del pensamiento ético y político moderno, como un desafío a superar. En una búsqueda de nuevas formas

de legitimación de las relaciones de poder en un mundo ya secularizado, se trataba de enfrentar las supuestas injusticias que ciertas diferencias, consideradas otrora naturales, habían constituido el tejido social, económico y político de occidente. Las nuevas teorías políticas y jurídicas centradas en la idea del contrato social, la voluntad general, el estado jurídico y los derechos subjetivos pusieron de relieve, junto a la libertad, el valor de la igualdad como horizonte imprescindible en la constitución del mundo moderno.

Desde entonces, y no obstante los múltiples fracasos de los esfuerzos por consolidar la igualdad como valor real, los discursos y las políticas igualitarias han venido gozando de una cada vez más incuestionable valía retórica, y han constituido el eje argumental en torno al que se ha perseguido la extensión de los derechos y de la ciudadanía plena, hacia diversos sectores sociales y colectivos (léase, mujeres, minorías sexo-genéricas pobres, personas racializadas, discapacitadas, enfermas, etc.). Lo anterior no puede sino hacernos sospechar que ese discurso dominante en la literatura filosófica, política y jurídica de la modernidad que aboga por la igualdad como ideal, no haya servido más que como “pantalla ideológica” (Ricoeur) que encubre u oculta el modo cómo la desigualdad ha configurado una praxis productiva sobre la que se ha erigido, y hoy sostiene, el desarrollo de un modo de dominación que reconocemos bajo el concepto de capitalismo avanzado. Bajo este discurso en pro de la igualdad, es decir, bajo el imperio de esta “pantalla ideológica”, la verdadera fuerza productiva de la desigualdad que determina nuestra praxis social se ha hecho incontestable e imposible de transformar y hoy, junto con re-producir y ocultar desigualdades ha permitido la emergencia de otras nuevas, que se intersectan produciendo nuevas formas de dominación. Ante esto, no es casual que el discurso crítico de los mismos grupos subalternizados, se dirija en contra del discurso de los derechos y sus promesas incumplidas, por un lado, y sus requisitos de asimilación, por otro.

La presente mesa os convoca a presentar comunicaciones orientadas a develar este proceso, a rastrear su genealogía, a ponerlo bajo la luz de nuevas formas de pensar filosófica y políticamente, y a idear formas de praxis que remuevan y subviertan los modos tradicionales bajo los que nos hemos representado hasta ahora nuestros permanentemente frustrados anhelos de igualdad en las democracias actuales.

Mesa 5 - Os populismos autoritários, o amedrontamento das democracias e novas formas de imperialismo: a fabricação do inimigo como estratégia política e a guerra como dispositivo de governo

Coordinación: Castor Mari Martín Bartolomé Ruiz (Unisinos), Guillermo Vega (UNNE) y Márcia Rosane Junges (Unisinos)

Vivemos um momento de profunda erosão democrática e recomposição geopolítica. Em nosso horizonte, testemunhamos a ascensão de populismos autoritários que, em continentes diversos, instrumentalizam o medo e a polarização. A estratégia é conhecida, mas ressurgue com força inédita: a fabricação sistemática de um inimigo – interno ou externo – como cimento para projetos de poder.

Na América Latina, observamos o crescimento das novas direitas, que capitalizam o descontentamento social, prometendo ordem e segurança enquanto desmontam instituições. Da Argentina ao Chile, do Brasil à Venezuela, sob roupagens distintas, vemos padrões que desafiam a convivência democrática.

No plano internacional, a conjuntura é de recrudescimento autoritário: a instabilidade política nos EUA, os conflitos brutais como em Gaza, Ucrânia e Sudão, o rearmamento europeu, a ameaça dos EUA de ocupar Groenlândia pela força, o ataque recente dos EUA à soberania da Venezuela, as crises regionais, tudo sinaliza a decomposição do sistema legal mundial pós-1945. A guerra, mais do que um evento extremo, torna-se um dispositivo de governo, um meio de consolidar domínio e desviar

atenções. Nas relações internacionais, também a exceção tornou-se a regra ao prevalecer a força de um poder soberano como nova norma de direito internacional.

Por trás desses fenômenos, percebemos o fortalecimento de novas formas de imperialismo e poder colonialista, que operam através de dependência econômica, guerras híbridas e controle informacional. O ordenamento multilateral define, deixando um vazio perigoso.

Nesta mesa, nos propomos a desmontar essas engrenagens e refletir criticamente acerca delas. Como o "inimigo" é construído retoricamente? De que maneira o autoritarismo seduz sociedades democráticas assustadas? Qual o papel dos discursos de ódio e da desinformação? Como a guerra está sendo utilizada como dispositivo de policiamento e governo? Essas são algumas das reflexões possíveis no contexto do XIX Simpósio da AIFP.

Convidamos todos e todas a refletirem conosco sobre esses labirintos do século XXI. O desafio é colossal: compreender para resistir, e resistir para reinventar um horizonte de justiça e soberania popular.

Mesa 6 - Filosofía política de la ciudad: los debates necesarios

Coordinación: Francisco Colom (CSIC, España), Jesús Rodríguez (UAM-I, México) y Carlos Patiño (UNAL, Colombia)

En la actualidad, la mayoría de la humanidad vive en ciudades. Sin embargo, si se compara con el interés por el Estado nacional, los derechos individuales o la justicia global, la filosofía ha prestado relativamente poca atención a la ciudad como espacio político. Lo cierto es que las ciudades constituyen una unidad relevante de justicia porque la organización de su espacio está indisolublemente ligada a las desigualdades sociales. Abordar esta cuestión normativamente requiere una concepción de las relaciones sociales y de la vida en las ciudades más sensible al espacio de lo que ha sido el caso en la filosofía política dominante. Esta Sección invita a presentar ponencias que traten sobre toda una serie de problemas urbanos: vivienda y habitabilidad, exclusión, segregación, gobernabilidad de las metrópolis y megalópolis, transición energética urbana, gentrificación y turistificación, espacio urbano y memoria, lo público y los comunes urbanos etc.

Mesa 7- Utopías del cuidado: vulnerabilidades, interdependencias y esperanza

Coordinación: Isabel Wences (Universidad Complutense de Madrid) y Alejandro Sahuí (Universidad Autónoma de Campeche - México)

La filosofía política contemporánea se enfrenta al agotamiento de los modelos basados en el individualismo posesivo y el mito de la racionalidad ilimitada. Ante la crisis ecosocial, la precarización de los vínculos sociales y la erosión de las instituciones políticas este eje invita a reflexionar sobre las diversas vulnerabilidades humanas y planetarias, no como contingencias, sino como categorías básicas para repensar el orden público. Nuestra intuición es que este enfoque hace posible transitar de una política basada en el cálculo egoísta hacia una política de la interdependencia.

Mediante el cruce entre el pensamiento político utópico y las éticas-políticas del cuidado, se pretende rehabilitar la imaginación política como una herramienta crítica. Por un lado, se adopta la idea de utopías realistas como horizontes de futuros posibles donde la vida -en su dimensión biológica y relacional- sea el eje de la organización social. Por otro lado, se integran las políticas del cuidado y la reciprocidad como principios de justicia que exigen una transformación radical de la política.

El eje propone un diálogo interdisciplinar sobre cómo habitar la fragilidad del mundo sin renunciar a la democracia, la comunalidad y la esperanza. Se convoca a trabajos que exploren la sostenibilidad de

la vida desde la reciprocidad, la justicia intergeneracional, la ecología política y el diseño de instituciones que asuman la responsabilidad compartida como fundamento de un futuro habitable.

Entre las cuestiones que nos ocupan están algunas como las siguientes: ¿cómo se puede pensar la vulnerabilidad como categoría política? ¿qué modelos de ciudadanía cabe articular a través de las ideas de reciprocidad, responsabilidad compartida e interdependencias? ¿cómo la política puede contribuir a reconfigurar la organización del trabajo, el tiempo y los recursos para la sostenibilidad de la vida como valor público primordial? ¿cómo integrar las diversas fragilidades en el diseño de instituciones políticas? ¿qué tipo de estructuras públicas podemos imaginar que sostengan los cuidados y la responsabilidad planetaria? ¿cómo el feminismo crítico ha impulsado el cambio de paradigma en el pensamiento político?

Mesa 8 - Crise mundial e crise do futuro

Coordinación: Cícero Araújo (USP-BR) y Rubem Barboza Filho (UFJF-BR)

Tornou-se moeda comum o diagnóstico de que vivemos hoje uma crise mundial, para alguns autores uma “permacrise” ou “policrise” – uma megacrise endêmica, que atinge todas as dimensões da vida e todas as regiões do planeta. Estaríamos a perder a relativa estabilidade geopolítica construída após a II Guerra, a assistir a emergência de Estados e movimentos autoritários e antidemocráticos como resposta aos dilemas econômicos e políticos trazidos pela globalização e a financeirização do capital, a sofrer as mudanças climáticas sem enfrentá-las com decisão e eficácia, a experimentar avanços tecnológicos perturbadores e assustadores, tudo isso corroendo os nossos modos usuais de resolução de problemas e dilemas. O resultado disso é ainda uma crise da “temporalidade” – ou historicidade - moderna, que mobilizava o tempo – e o futuro – como possibilidade ontológica à disposição criativa dos humanos.

O objetivo deste grupo de trabalho é o de refletir, do ponto de vista da teoria política e social, da metodologia e da história, o conceito de crise e suas implicações concretas, alargando a nossa capacidade reflexiva e prática sobre o que vem acontecendo. Trata-se de uma crise no interior da “modernidade” ou uma crise epocal, que anuncia confusamente um tempo distinto em nossa história? Se vivemos uma crise da modernidade, podemos contar com os nossos recursos epistemológicos e políticos, hoje disponíveis, para entendê-la e enfrentá-la? Se se trata de uma crise epocal, como devemos passar a entender o que está a acontecer e o próprio conceito de crise, agora referido ao desconhecido? Em ambos os casos, como o conceito de crise pode nos levar à ação e com que objetivo? Também em ambos os casos, como o conceito de crise poderia (ou não) renovar nosso pensamento e expectativas a respeito do futuro?

Mesa 9 - Centenário de Michel Foucault: governo, tecnologias de controle e subjetividades autoritárias

Coordinación: William Costa (Universidade Estadual do Ceará – UECE – Brasil) y Roberta Damasceno (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – Brasil)

Em 2026, Michel Foucault completaria 100 anos. Sua ausência, contudo, está longe de encerrar o horizonte analítico que sua obra inaugurou, afinal, suas investigações continuam a irradiar problemas e ferramentas críticas decisivas para a compreensão do presente. Como um dos pensadores mais agudos da contemporaneidade, Foucault percorreu, sem concessões dogmáticas, campos diversos, da psicologia à ética, das ciências criminais à literatura, da política à sexualidade, articulando-os por meio de uma atitude genealógica que interrogava as condições históricas de emergência dos saberes e das práticas. Ao mobilizar a arqueologia e a genealogia como métodos de análise, Foucault abriu trilhas

para gerações de pesquisadores que, dialogando com sua obra, deram continuidade a um itinerário crítico próprio. Sua reflexão sobre as relações entre saber e poder, sobre os dispositivos disciplinares, as tecnologias de segurança e os processos de subjetivação permanece fundamental para pensar as reconfigurações contemporâneas do governo da vida. Esta mesa temática propõe celebrar o centenário de Foucault por meio de debates que partem de suas obras, mas que não se restringem a elas, buscando promover interlocuções com outros pensadores e campos teóricos. Pretende-se explorar categorias como governo, governamentalidade, tecnologias de controle e produção de subjetividades, destacando seus desdobramentos nas discussões sobre segurança, sexualidade, figura do inimigo público, gestão do risco, regimes pastorais, controle migratório e sistemas de punição, entre outros eixos que atravessam as crises atuais das democracias e as novas formas de autoritarismo.

Mesa 10 - A transformação do espaço público perante a crise da democracia liberal

Coordinación: Marcela Uchôa (Universidade de Coimbra – Portugal) y Adriano Correia (Universidade Federal de Goiás – UFG – Brasil)

As bases históricas do liberalismo podem ser identificadas no advento e na consolidação da modernidade capitalista. Teóricos como Habermas e Ellen Wood sustentam que o surgimento do espaço público está intrinsecamente vinculado ao desenvolvimento do capitalismo. Nessa perspectiva, Habermas concebe a esfera pública como uma construção histórica decorrente das transformações materiais da sociedade, especialmente da ascensão da burguesia em contraposição à estrutura hierárquica e estamental da aristocracia feudal. O ideal de limitação do poder estatal, inicialmente formulado como alternativa ao absolutismo, transforma-se progressivamente na defesa da liberdade individual e econômica – entendida como liberdade negativa, isto é, como não intervenção do Estado nas esferas individuais e mercantis.

É somente na sociedade burguesa que se separa a esfera pública da política e da economia. No feudalismo, poder e possibilidades de exploração estavam diretamente ligados ao status e ao privilégio aristocrático. Na época moderna, é apenas no momento em que a exploração econômica se independentiza do status de privilégio e das hierarquias aristocráticas que se abre um espaço público independente, o qual dará lugar à participação cidadã, à deliberação, ao republicanismo e à democracia. Enquanto isso, a esfera privada é governada pelas leis do mercado e pela pura necessidade, que intervém em todos os aspectos da vida social.

Contudo, se, como defendeu Hannah Arendt, o exercício da liberdade política só é passível de ocorrer quando estamos inseridos no espaço público por meio da ação e da razão, guiados pelo objetivo de humanização do mundo, é preciso também reconhecer as contribuições do teóricos da teoria crítica e dos estudos feministas que defendem que o espaço público é patriarcal e desigual; ou seja, os métodos de argumentação refletem normas e privilégios dos quais são excluídas pessoas que não tiveram instrução suficiente ou que sofrem com desigualdade econômica, entre outros fatores. Da mesma forma, a esfera pública foi criticada por seu caráter eurocêntrico e racista. Em outras palavras, os métodos de argumentação no interior do espaço público não consideram as desigualdades estruturais, geográficas e históricas que moldam as próprias normas argumentativas. Esquece-se que o racionalismo e o iluminismo são formas de universalismo altamente situadas — formas europeias, burguesas e patriarcais — e, nesse sentido, excluem, em maior ou menor grau, pessoas não europeias, cidadãos racializados, mulheres, proletários, pessoas não instruídas, pessoas com deficiência, entre outros grupos subalternizados.

Este painel propõe reunir contribuições que revisitem criticamente os fundamentos históricos e normativos do liberalismo e da esfera pública, analisando suas promessas emancipatórias e seus limites estruturais.